

O Troll português: anónimo, provocador e surpreendentemente pontual às 6h da manhã

written by José Paulo Santos | 25 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Começo esta crónica com uma palavra que nem todos conhecem: Troll.

Vamos lá explicar. Antes de mais, convém esclarecer: hoje, um troll não é um monstro de um conto norueguês, nem um político em campanha. É, antes, uma pessoa que, deliberadamente, publica mensagens provocadoras, ofensivas ou falsas nas redes sociais com o único propósito de desestabilizar conversas, gerar conflito ou atrair atenção. Não procura o debate – ele quer reação. Age quase sempre sob um pseudónimo, escondendo-se no anonimato para lançar o caos sem assumir as consequências.

E, por mais absurdo que pareça, muitas vezes consegue exatamente o que quer: transformar um fio calmo de comentários num campo de batalha digital.

A palavra “troll” vem do antigo nórdico, mas foi na internet dos anos 90 que ganhou o seu novo ofício: não o de assustar camponeses, mas o de perturbar conversas. O troll moderno não procura convencer, nem sequer discutir com seriedade. O seu prazer está em ver o fio da discussão desfiar-se, em assistir ao momento em que alguém, exasperado, escreve em maiúsculas: “MAS TU NÃO VÊS QUE ISSO NÃO FAZ SENTIDO?!” É aí que ele sorri – e volta a publicar.

Não se trata de um mito. Não é exagero de quem passou a noite a ler comentários sobre um vídeo a tratar da subida do preço do azeite alentejano. O troll português existe e age com uma precisão quase burocrática: entra em cena com pseudónimo duvidoso (“Portugal em Ruínas 1974”, “Voz do Povo Livre”, “Eng. Silva – Reformado com Opinião”), lança uma frase incendiária – muitas vezes falsa, quase sempre absurda – e retira-se, deixando atrás de si um rasto de indignação, contra-argumentos desesperados e, claro, mais três trolls recém-convertidos ao caos.

Ao contrário do que o senso comum pode sugerir, o troll não é um desequilibrado ocasional. É um estratega do desconforto alheio. Age com intenção clara: não quer esclarecer, não procura a verdade, não defende ideias – quer perturbar, simplesmente. A sua arma não é a lógica, mas a provocação calculada. Um comentário sobre o horário dos CTT torna-se, em segundos, um julgamento sumário ao “*Estado falhado desde o 25 de Abril*”. Uma foto de um jardim municipal transforma-se num debate sobre “*a imigração descontrolada*” – apesar de a única figura humana na imagem ser um idoso de Aveiro a regar gerânios.

O anonimato é o seu escudo, o esconderijo. É covarde. Por trás de um avatar com a bandeira de Portugal sobreposta à imagem do

Moliceiro, esconde-se alguém que, na vida real, talvez seja um vizinho simpático que empresta açúcar. Mas online, livre da responsabilidade do rosto e do nome, torna-se um justiceiro da desinformação, um arauto da treta, um especialista em geopolítica, nutrição, direito constitucional e teoria da conspiração – tudo ao mesmo tempo.

E não subestimemos a sua capacidade de manipulação. Alguns trolls não se limitam a insultar; fabricam narrativas. Espalham notícias falsas com a naturalidade de quem partilha uma receita de bacalhau no espeto. Um áudio editado, um excerto descontextualizado de uma entrevista, uma imagem antiga apresentada como “prova irrefutável” – tudo serve para envenenar o debate público, alimentar divisões e, no fundo, manter-se no centro da atenção. Porque, no teatro digital, quem gera reação é quem controla o palco.

Felizmente, há defesas – e nenhuma delas passa por escrever um ensaio de 200 linhas a explicar por que razão “*não, o primeiro-ministro não é controlado por extraterrestres*”. A primeira, e mais eficaz, é a mais simples: não responder. O conselho clássico – “*não alimente o troll*” – não é um cliché vazio; é uma estratégia de sobrevivência emocional. Cada réplica, por mais bem-intencionada, é um aplauso. Cada “*tu és um idiota!*” é um convite para continuar. Não alimente os trolls! Ignore-os e deixe-os morrer à fome!

As plataformas digitais, por sua vez, oferecem ferramentas que muitos ainda hesitam em usar por pudor ou por um falso sentido de “liberdade de expressão”. Mas bloquear não é censura – é higiene mental. Denunciar não é vitimização – é responsabilidade coletiva. E, em casos extremos, até desativar os comentários é um ato legítimo de autopreservação. Afinal, ninguém é obrigado a abrir a porta da sua casa a quem entra só para atear fogo às cortinas.

O troll, por mais barulhento que seja, vive da ilusão de que é relevante. Mas a verdade é outra: é um sintoma – de

polarização, de solidão digital, de insanidade, de uma cultura em que a indignação substituiu o diálogo. E, como todos os sintomas, merece atenção – mas não necessariamente resposta.

Enquanto isso, o resto de nós pode continuar a viver: a partilhar fotos de almoços em família, a debater ideias com respeito, a rir de memes sem consequências geopolíticas ou humanas. E, se por acaso um troll aparecer a dizer que “*o arroz doce é uma invenção da União Europeia para nos endividar*”, basta sorrir, tomar um cafézinho, fechar o telemóvel e ir buscar mais canela – porque, afinal, a melhor vingança contra o caos é a serenidade com açúcar.

Nota do autor: este artigo foi escrito sem o auxílio de nenhum perfil anónimo, áudio viral ou teoria sobre o pão de forma. Se alguém disser o contrário, já sabe: é só mais um capítulo da telenovela que é a internet portuguesa.